



EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA EM 2020: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE MATO GROSSO

Fabricia Auxiliadora Queiroz (Seduc/MT) – fabricia.queiroz@edu.mt.gov.br
GT 8: Educação Matemática

Resumo:

Em 2020 nos vimos diante de uma situação, o Brasil em meio a uma pandemia que a única forma de prevenção é o isolamento e o distanciamento social. Em consequência disso, as aulas presenciais tiveram que ser suspensas. Mas, o tempo foi passando e ainda não havia a vacina tão aguardada para que tudo voltasse ao normal, sendo assim, a educação teria que se organizar para atender aos estudantes da forma como o momento exige, a distância. Os professores da rede pública Estadual de Mato Grosso se viram em meio a uma situação de muita informação em pouco tempo. Estavam diante de um avanço já previsto e necessário, mas que nesse momento para quem adiou ao máximo a implementação em sala de aula das tecnologias de informação e comunicação, estavam diante de uma mudança repentina.

Palavras-chaves: Aulas. Pandemia. Tecnologia.

1 Introdução

Em decorrência da pandemia pelo Coronavírus (COVID-19), as aulas da Educação Básica foram suspensas em todas as redes de ensino em Mato Grosso desde a data de 23 de março de 2020, de acordo com o Decreto Nº 407, de 16 de março de 2020, artigo 9º (MATO GROSSO, 2020). No início anteciparam as férias de julho, mas os casos de infectados só foram aumentando, principalmente na Capital e a previsão para retomada das aulas presenciais ficava cada vez mais distante e praticamente inviável sem o surgimento da vacina. As escolas da rede pública estadual parada e as escolas da rede privada tentando se adaptar a essa situação mesmo na dúvida se as atividades para Educação Básica na modalidade online seriam autorizadas.

O parágrafo 4º do artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 define que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (BRASIL,1996).

Nesse momento a situação é emergencial, então o Ministério da Educação (MEC) homologou um conjunto de diretrizes do Conselho Nacional de Educação (CNE) que orienta

as escolas da Educação Básica e instituições de Ensino Superior durante a pandemia do coronavírus. A orientação para o Ensino fundamental anos finais e ensino médio diz que:

A supervisão de um adulto para realização de atividades pode ser feita por meio de orientações e acompanhamentos com o apoio de planejamentos, metas, horários de estudo presencial ou on-line, já que nesta etapa há mais autonomia por parte dos estudantes. Neste caso, a orientação é que as atividades pedagógicas não presenciais tenham mais espaço. Entre as sugestões de atividades, está a distribuição de vídeos educativos. (BRASIL, 2020)

Com esse conjunto de diretrizes e estudando a possibilidade de retorno as aulas a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc) começou a se preparar para a retomada das aulas de forma não presencial (online e off-line) a partir do dia 03 de agosto de 2020. A organização para retorno das aulas consta no plano estratégico para reabertura das escolas, elaborado pela Secretaria de Estado de Educação.

As aulas não presenciais serão organizadas em cinco etapas: produção do material escolar, com a organização semanal de estudos e planejamento do professor; disponibilização do material escolar; atendimento ao estudante; intervenção pedagógica; e registro em tempo real no final do semestre. A Seduc também vai ofertar formação aos profissionais da educação (efetivos e contratados) para qualificação sobre o uso de tecnologias que serão usadas nas aulas não presenciais, como o uso de recursos tecnológicos da Microsoft Teams (MATO GROSSO, 2020).

Aulas não presenciais por meio de plataforma digital ou redes sociais. O professor além de dominar seu conteúdo se vê num cenário em que precisa dominar a tecnologia para comunicar com seus alunos e como recurso para o processo de ensino-aprendizagem. Informações disponíveis, mas uma realidade nova com necessidade de assistir tutoriais para aproveitar da melhor forma a tecnologia e com o desafio de avaliar a aprendizagem do aluno distante fisicamente.

2 O uso das tecnologias de informação e comunicação em sala de aula

Diante de uma pandemia as pessoas perceberam que o distanciamento social era a única forma de se combater o vírus da Covid-19. Estar distante geograficamente, mas próximos, pois estamos conectados por meio da internet. E nesta realidade, as escolas tiveram que se reinventar.

Antes da pandemia as escolas da rede pública estadual de Mato Grosso tinham acesso à internet, porém esse acesso era mais destinado a atender as funções administrativas e ao professor, não atingindo totalmente o aluno. Além disso, até 2019 os professores procuravam meios de impedir o uso do celular em sala de aula, além das senhas da internet que eram mantidas em segredo. Então é importante pensar em uma prática pedagógica que visa as novas formas de acesso à informação, ignorar o uso não dá, fazer de conta que não contribui para o processo de ensino e aprendizagem também não é um bom caminho. Santos afirma que “há

necessidade de políticas de formação e investimentos em projetos educativos e de pesquisa que não separem a cultura contemporânea do currículo escolar e universitário” (SANTOS, 2019, p.52).

Durante a pandemia além de precisarem do celular para terem acesso as aulas, com ele os alunos se comunicaram com os professores. Para Santos:

Em nosso tempo, acessamos menos o ciberespaço a partir de dispositivos fixos, ou seja, computadores e tecnologias de acesso à internet presos a uma estação de trabalho desktop. As novas formas de acesso não só mudaram a nossa relação com o ciberespaço, elas vêm modificando radicalmente a nossa relação com os espaços urbanos em geral e estes com o ciberespaço. (SANTOS, 2019, p.36)

O professor e a escola neste momento se sentiram pressionados a mudar. Porém essa mudança não deve ser apenas nos recursos que são utilizadas para o trabalho. A mudança requer muito mais que disponibilizar conteúdos por meio de tecnologias, como afirma Santos:

A inclusão cibercultural dos professores deverá ser capaz de elevar suas práticas docentes para além do desktop e da distribuição de conteúdos via site para upload ou download. Senão, continuaremos reafirmando posições bastante denunciadas pelas teorias educacionais contemporâneas, ainda que professores e estudantes tenham acesso à mobilidade ubíqua: o professor é o responsável pela produção e transmissão do conhecimento; as práticas pedagógicas acabam considerando que as pessoas são recipientes de informação; a educação continua a ser, mesmo na tela do tablet conectado em banda larga, repetição burocrática e transmissão de conteúdos empacotados (SANTOS, 2019, P.55).

O uso das tecnologias da informação e da comunicação pode ser de maneira mecânica, somente para transmissão do conhecimento, mas essa não deve ser a proposta. “O professor que insistir no seu papel de fonte e transmissor de conhecimento está fadado a ser dispensado pelos alunos, pela escola e pela sociedade em geral” (D’AMBRÓSIO, 2012, p. 73).

Nesse período de pandemia, em que a internet se tornou essencial, as pessoas tiveram que se adaptar, trabalhar à distância, fazer cursos e até mesmo se divertir pelas redes sociais. Há de se considerar que não estávamos preparados para isso, mas essa cultura digital, cibercultura, já faz parte dos alunos que estão no nível da Educação Básica. Não estávamos preparados para essa mudança repentina. Nem mesmo os alunos preparados para estudar sem a presença do professor,

não há dúvida quanto à importância do professor no processo educativo. Propõem-se tanto educação a distância quanto outras utilizações de tecnologia na educação, mas nada substituirá o professor. Todos esses serão meios auxiliares para o professor. Mas este, incapaz de se utilizar desses meios, não terá espaço na educação (D’AMBRÓSIO, 2012, p. 73).

Os professores podem sair desse momento com novas ideias, novas práticas pedagógicas, novos conhecimentos na área da tecnologia, domínios de competências digitais e práticas e novos métodos de avaliação da aprendizagem.

3 Aulas online com alunos do Ensino Fundamental: uma experiência na rede pública estadual de Mato Grosso

Ao trabalhar com os alunos dos oitavos anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Heliodoro Capistrano da Silva em Mato Grosso, de maneira online, percebi que nós professores começamos de maneira errada, pois consideramos inicialmente que eles já soubessem utilizar os recursos tecnológicos. Em conversas com os demais professores pensávamos que os alunos não teriam dificuldades para utilizarem os recursos disponíveis.

Em 2020, foi disponibilizado a plataforma Microsoft Teams com sala de aula virtual, sendo assim todos os alunos tinham disponíveis suas contas e senhas para terem acesso as aulas síncronas e assíncronas. Porém, no início houve uma certa resistência para utilização do Microsoft Teams, pois os alunos não entravam para verificar as postagens dos professores e queriam somente o link das aulas síncronas disponibilizadas nos grupos de whatsapp da turma. Preferiam as aulas pelo whatsapp, não por ser o único recurso possível, mas por já conhecerem e dominarem o aplicativo.

No início foi realizado um acompanhamento para que os alunos compreendessem como seriam realizadas as aulas e disponibilizadas as atividades, mesmo assim, não foi suficiente, eles trocavam o e-mail criado pela secretaria de educação pelo e-mail pessoal e diziam que não conseguiam acessar a sala de aula virtual, não conseguiam enviar atividades ou visualizar e não entravam nas aulas síncronas por meio da plataforma, estas que eram agendadas.

Outra forma de comunicação com os alunos foi o e-mail e ao solicitar que enviassem atividades por e-mail, eles não sabiam como fazer. Alguns escreviam o texto em assuntos, outros enviavam sem as atividades em anexo. Todos tinham um endereço de e-mail pessoal, mas não sabiam como utilizá-lo para comunicar. Por mais que os alunos cresçam num ambiente em que o contato com o celular e a internet se faz desde criança, eles precisam de orientação quanto ao uso, dos conhecimentos que precisam ser construídos para que possam se comunicar.

O professor também precisou estudar para exercer sua função e se comunicar com seus alunos. Um professor de matemática que tinha um quadro em casa, começou a gravar vídeos ou fazer suas aulas síncronas utilizando-o para explicar algum conteúdo. Porém, um professor que não tinha um quadro, teve que pesquisar a melhor maneira de explicar um cálculo, por exemplo, para o aluno de maneira online. Uma alternativa foi comprar mesa digitalizadora, o que teve bastante procura. Mas, quem não comprou, foi o meu caso, precisou pesquisar e encontrar formas de se comunicar com o aluno e construir junto com ele a aprendizagem. Pelo whatsapp foi possível disponibilizar vídeos e áudios, porém os vídeos nem todos conseguiam assistir devido a internet. Pelo Microsoft Teams era possível compartilhar a tela do computador

nas aulas síncronas e utilizar softwares que possibilitam a interação. Como por exemplo, o software geogebra, o site graspablemath.com e o formulário eletrônico microsoft forms. Mas, o que prevaleceu foi o uso do whatsapp, devido a resistência ao uso do Microsoft Teams e a participação dos alunos.

Houve pouca participação dos alunos de maneira online durante o ano de 2020. Contudo, no início do ano letivo foi feito um diagnóstico e verificado que muitos tinham internet em casa e aparelho celular, mas preferiram buscar apostila na escola e fazer as atividades de maneira offline, como foi denominado. Portanto, é importante refletir sobre o que fez com que esses alunos não optassem em participar das aulas online.

Mesmo diante das dificuldades apontadas foi possível avaliar a aprendizagem dos alunos que participaram online. Mas, os resultados não foram satisfatórios, conclui o quanto os alunos eram dependentes do professor, qualquer dúvida que eles apresentam, eles não pesquisam para obter a resposta, eles esperam o professor para perguntar. Só faziam as atividades disponibilizadas se a palavra fosse “está valendo nota” ou “avaliação”. Com o ensino a distância ficou visível a necessidade de mudarmos nossa prática e desenvolver habilidades que promovam alunos mais independentes, mais seguros, que saibam usar os recursos tecnológicos, que saibam se comunicar de qualquer maneira, seja pela internet ou presencial.

Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: Da Teoria a Prática**. 23ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 05 set. 2020.

BRASIL. **Educação e Coronavírus**: MEC homologa diretrizes para o ensino durante a pandemia. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos>>. Acesso em 05 set. 2020.

MATO GROSSO. **Decreto Nº 407, de 16 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/15835/#/p:3/e:15835?find=DECRETO%20407>>. Acesso em 06/09/2020.

MATO GROSSO. **Seduc prepara retorno das aulas de forma não presencial a partir de 03 de agosto**. Disponível em: <<http://www2.seduc.mt.gov.br>>. Acesso em: 06/09/2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. – Teresina: EDUFPI, 2019. E-book.